

Instabilidade econômica do País preocupa comunidade européia

REALI JUNIOR
Correspondente

PARIS — A não ser a suspensão temporária do processo de privatização, o presidente Itamar Franco não adotou até agora nenhuma decisão econômica importante desde que assumiu o poder. Por isso é muito provável que a recessão ocorrida no ano passado e provocada pela queda de 1,5% do PIB possa se repetir este ano. Essa impressão começa a se generalizar nos meios financeiros na Europa.

No seu entender, essas últimas demissões na área econômica ilustram a confusão na qual o País está envolvido. A demissão da equipe econômica do governo e a designação de um terceiro ministro da Fazenda em apenas seis meses provocaram forte tensão nos meios financeiros europeus vinculados ao Brasil, contribuindo para uma perda de cre-

dibilidade do governo Itamar Franco.

O Brasil está sendo apresentado nessas últimas horas, após as recentes medidas do presidente da República, como um País em plena confusão, atemorizando investidores em potencial que depois de terem investido nesses últimos dois anos no México, Chile e Argentina, imaginavam que poderiam fazer o mesmo no Brasil, diante da expectativa de uma rápida normalização de suas relações com a comunidade financeira internacional.

O jornal francês *La Tribune* revela que os meios econômicos estão convencidos de que o presidente vai recorrer a um rápido congelamento de preços, hipótese que apavora os investidores, escaldados pelos planos de choque do passado e que em nada resultaram.

O vespertino *Le Monde*, por exemplo, dedica seu editorial

de primeira página à “valsa dos preços e de ministros”, criticando a evolução da situação econômica do País, lembrando que o Brasil surge como a única exceção numa América Latina, atualmente designada como modelo pelos organismos monetários internacionais.

Num segundo artigo de primeira página assinado por seu correspondente, Denis Hautin Guiraut, o jornal adverte para o agravamento da crise econômica no Brasil e critica o presidente que havia dado o prazo de três meses a seu antigo ministro, Paulo Haddad, para controlar a inflação, como se apenas “algumas semanas fossem suficientes para erradicar esse mal que mina o País há vários anos”. Para o articulista, por enquanto, a ação do presidente Itamar Franco tem se limitado a meias medidas populistas como a tentativa de relançar o Fusca.